

PAULO FREIRE, DEZ ANOS DEPOIS: MEMÓRIA E PRESENÇA

Moacir Gadotti^(*),

Há dez anos falecia Paulo Freire, dia 2 de maio de 1997. Nos dias que seguiram à sua morte, recebemos mais de 600 mensagens de condolências, enviadas à família e ao Instituto Paulo Freire que ele ajudara a criar seis anos antes. Todas essas mensagens eram verdadeiras manifestações de carinho e de imenso apreço pelo grande educador brasileiro. Elas mencionavam a profunda dor e tristeza pela perda de um mestre, mas, também, as saudades que ele deixava, evidenciando o impacto de sua práxis em muitas partes do mundo. Entre essas mensagens estão as de professores de aproximadamente 150 universidades, do Brasil e do exterior, o que demonstra a repercussão de suas idéias também no meio acadêmico.

Suas idéias podem ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas das mensagens recebidas dizem textualmente: "minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente". Essa relação entre o **cognitivo** e o **afetivo** é muito forte não só na vida dele, mas também, na sua obra e naqueles que foram influenciados por ele.

As mensagens recebidas logo depois de sua morte, revelaram o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam, frequentemente, com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar continuidade ao seu trabalho, ao seu **compromisso**, que era, sobretudo, o compromisso com os oprimidos. Não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar – da América Latina, por exemplo –, mas com os oprimidos de todo o mundo.

Paulo Freire era também um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por "imperativo histórico e existencial", como afirma no seu livro *Pedagogia da esperança*. Ele nos deixou um legado de **luta** e de **esperança** que não pertence a uma pessoa ou a uma instituição. Pertence a quem precisa dele. Recordo o filme *O Carteiro e o poeta* no qual o carteiro se apropriou de um poema de Pablo Neruda para seduzir sua namorada. O personagem que representava Pablo questionou o carteiro sobre a autoria do poema e o carteiro respondeu: "a poesia não pertence àqueles que a escrevem, mas a quem precisa dela".

Nesse livro ele afirma que "pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, a pura cientificidade, é frívola ilusão" (p.10). Não nascemos esperançosos. Por isso precisamos de uma educação para a esperança.

É muito importante associar a **pedagogia da esperança** como concepção da educação, à **pedagogia da luta**. Essas pedagogias são inseparáveis no pensamento de

(*) **Moacir Gadotti** é professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire. É autor, entre outras obras de: *Paulo Freire: uma biobibliografia* (Cortez, 1996), *História das idéias pedagógicas* (Ática, 1998), *Os mestres de Rousseau* (Cortez, 2004), *Educar para um outro mundo possível* (Publisher Brasil, 2006). Está lançando neste mês o livro *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar* (Publisher Brasil, 2007).

Paulo Freire. Carlos Alberto Torres, um dos maiores estudiosos de Paulo Freire, afirma, em seu livro *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*, que luta e esperança são inseparáveis de sua teoria do conhecimento e de sua concepção de educação. Para Paulo Freire, diz ele, "o conhecimento é uma construção social, constitui um processo de produção discursiva e não um mero produto final resultante do acúmulo de informações ou de fatos" (p. 151).

O objetivo que Paulo Freire se propunha era o de utilizar a educação para melhorar o mundo, neutralizando os efeitos da opressão, aliando educação a um projeto histórico de emancipação social. Luta e esperança não podem prescindir uma da outra nessa tarefa humanizadora. A prática educativa deveria traduzir essa visão emancipadora do conhecimento. Por isso ele concebia a educação mais como um ato de construção de conhecimentos do que a simples transmissão de informações.

A **teoria do conhecimento** de Paulo Freire continua muito atual, em especial, a resposta que deu à questão da aprendizagem a partir de quatro **intuições originais**:

- 1ª – a ênfase nas condições gnosiológicas do ato educativo;
- 2ª – a defesa da educação como ato dialógico;
- 3ª – a noção de ciência aberta às necessidades populares; e
- 4ª – o planejamento comunitário e participativo.

Diga-se o mesmo em relação a seu **método**. Para construir seu método de ensino, aprendizagem e pesquisa, Paulo Freire parte das necessidades dos educandos e não de categorias abstratas, entrelaçando quatro momentos interdependentes:

- 1º – ler o mundo, o que implica o cultivo da curiosidade;
- 2º – compartilhar o mundo lido, o que implica o diálogo;
- 3º – a educação como ato de produção e de reconstrução do saber;
- 4º – a educação como prática da liberdade.

A teoria e a **práxis** de Paulo Freire cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências e dos espaços geográficos. Foram para além da América Latina. Ao mesmo tempo em que as suas reflexões foram aprofundando o tema que ele perseguiu por toda a vida – a educação como prática da liberdade – suas abordagens transbordaram-se para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais. O seu pensamento é considerado um exemplo de **transdisciplinaridade**. Freire conseguiu fazer uma síntese pessoal original entre humanismo e dialética, o que confere um caráter muito atual a seu pensamento.

Paulo Freire continua sendo a grande referência de uma educação como prática da liberdade. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas nenhum, melhor do que ele, formulou uma **pedagogia dos silenciados** e da responsabilidade social, ao mesmo tempo dos oprimidos, dando-lhes voz, e daqueles que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de hoje.

– *Por que continuar lendo Paulo Freire?*

– Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade compartilhada por todos os seus leitores e todos os que o conheceram de perto: o **respeito à pessoa**. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, generosa, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele.

A pedagogia do diálogo que pensou e praticou fundamenta-se numa filosofia pluralista. O **pluralismo** não significa ecletismo ou posições "adocicadas", como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de "classificá-lo" hoje.

A força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade "mais humana, menos feia e mais justa", como costumava dizer. Como legado, nos deixou a utopia. As passagens mais bonitas das suas obras são as que ele escreveu sobre *sonho e utopia*.

Estamos diante de um educador que não se submeteu a correntes e tendências pedagógicas e criou um pensamento vivo orientado apenas pelo **ponto de vista do oprimido**. Essa é a ótica básica de sua obra, à qual foi fiel a vida toda: a perspectiva do oprimido. Esse compromisso nós podemos encontrar já na dedicatória do seu livro mais importante, *Pedagogia do oprimido*, escrito no Chile, em 1968: "Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam".

A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo.

Pelo contrário, a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação de hoje. A escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada por muitos de "sociedade do conhecimento", de **sociedade da aprendizagem**. As cidades, cada vez mais, tornam-se, como dizia ele, "educadoras-educandas", multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um "círculo de cultura", como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas **metodologias**, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo.

Devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos do século XX. Honrar um autor é sobretudo estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos.